

o escritor que
**não usa
maiúsculas**
para o leitor ficar sem travões

valter hugo mãe está de regresso com “o apocalipse dos trabalhadores”, livro em que tanto se entenece com a perdição das mulheres. Poeta que não acreditava na prosa, recebeu em 2007 o Prémio José Saramago pelo seu segundo romance. Quer ser lido sem travões. Isabel Coutinho (texto) e Daniel Rocha (fotografias)

Capa

Quando lhe perguntam se vive da escrita, responde que está a “morrer da escrita”. Licenciado em Direito e pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, valter hugo mãe, 36 anos, trabalhou no Centro de Estudos Regionais em Vila do Conde, foi sócio-gerente das Quasi Edições em Vila Nova de Famalicão durante anos. Criou Objecto Cardíaco, editora que faliu porque se “atrapalhou com a contabilidade.”

Foi poeta antes de ter descoberto a prosa quando, em três dias, “o nosso reino”, primeiro romance que publicou em 2004, lhe começou a aparecer no computador.

Por “o remorso de baltazar serapião”, segundo romance, recebeu o Prémio Literário José Saramago - Fundação Círculo de Leitores, o ano passado. Para o Nobel português, este livro foi “uma revolução”, “um tsunami, não no sentido destrutivo, mas da força.” Regressa agora. “o apocalipse dos trabalhadores” é um retrato do nosso tempo, uma história que se passa em Bragança.

Nasceu em 1971, na cidade angolana Henrique de Carvalho, mas cedo veio para Portugal. Fez a escola primária em Paços de Ferreira, onde viveu antes de ir morar aos nove anos

para Caxinas, zona piscatória de Vila do Conde.

De vez em quando é dado a assombros de rebeldia. Na capa de um dos seus livros, “pornografia erudita”, é reproduzida uma fotografia em que aparece nu. Essa capa é posterior a “uma aventura ainda mais pirotécnica”, que foi a experiência de ser fotografado nu na Avenida da Liberdade em Braga, num domingo à tarde. “Precisava de me sentir fora de uma convenção, sentir que ainda tinha força para me reinventar.”

Um dos seus amigos, Paulo Brandão, programador do Theatro Circo em Braga, fez a instalação “o teorema de valter” para uma exposição no Museu Nogueira da Silva. “Ele só pensa em coisas escatológicas, tenebrosas e substancialmente imorais. Disse-me que eu ia ser o seu objecto de arte. Pedeu-me as minhas unhas, cabelos, pêlos púbicos, urina e ainda esperma. É um dos meus melhores amigos e não tive como não me sujeitar à violência.”

Está a trabalhar numa exposição de artes plásticas que fará até ao final do ano e vai publicar um livro onde reúne a sua poesia. Mas nos últimos anos a relação com a prosa tornou-se tão fundamental que está “às aranhas”: mui-

*“Enteneço-me
mais com a perdição
das mulheres do que
com a dos homens. As
mulheres sobrevivem
muito mais, lutam
muito mais, resistem
muito mais. Mas
se tiverem de morrer
fazem-no sem tanta
hesitação. Isso
fascina-me, seduz-me
e entenece-me”*

tos dos poemas nunca mais reeditará. Por estes dias, a única poesia que faz são letras para canções (para Mundo Cão, Clá, Rui Reininho, Paulo Praça). **Como chegou à Maria da Graça e Quitéria? Estas personagens, duas mulheres-a-dias de Bragança, são a alma deste romance com título estranho, “o apocalipse dos trabalhadores”.** Não foi por acaso que decidi chamá-lhe Maria da Graça. Ela vai vivendo uma certa desgraça, muito relativa. Faz a opção pelo erro, quando o erro é para ela o caminho da felicidade. Gosto disso na personagem.

Nos meus romances preocupo-me obsessivamente com as mulheres. Compeço-me mais facilmente com a desgraça delas. Porquê? Não sei. Talvez porque adoro a minha mãe e a seguir à minha mãe existe a minha irmã mais velha, que era a minha segunda mãe. E depois há a minha outra irmã - mais velha do que eu e do que o meu irmão -, que era a minha terceira mãe. Sou o mais novo: muito estragado por elas.

Enteneço-me mais com a perdição das mulheres do que com a dos homens. As mulheres sobrevivem muito mais, lutam muito mais, resistem muito mais. Mas se tiverem de →